

# O SERMÃO DO FINALISTA

J. M. CURADO

IV JORNADAS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS  
BRAGA, UNIVERSIDADE DO MINHO, 24 DE NOVEMBRO DE 2005

Caros Estudantes

Não vou pedir desculpa por ser filósofo. Aquilo que caracteriza o ponto de vista do filósofo é tentar descobrir o maravilhoso em coisas banais. Como é evidente, para qualquer filósofo de décima qualidade, não existem coisas banais neste mundo. Fazer um curso parece ser uma coisa banal. Milhões de seres humanos estão neste preciso momento a tratar desse assunto. Só na China, esses milhões são trezentos. Parece, pois, algo tão corriqueiro quanto comer e vestir. Como os filósofos são habitualmente inoportunos, eu penso que não é esse o caso. Porém, para convencer a audiência de que olhar filosoficamente para este assunto é um bom negócio, desde já prometo fazer acompanhar cada uma das minhas análises com uma fórmula de sucesso. Em resumo, se pensarem filosoficamente no que andam a fazer, serão milionários. Esta é a primeira lição do primeiro filósofo que se chamou Tales de Mileto. Considero-me seu discípulo.

Comecemos pelo banal. A maioria dos presentes está ligada ao ensino superior. Está a fazer um curso, já tem um curso, está a planear fazer um curso ou está arrependida de ter feito um curso. A ideia de que um curso é importante na vida das pessoas é tão forte que pensar qualquer outra situação é uma violência extraordinária. As pessoas pensam que precisam de um curso, os governos obrigam a que as pessoas estudem, violando com isso as liberdades individuais com a invenção polémica da escolaridade obrigatória e, pior do que tudo, os papás e as mães repetem tantas vezes aos seus filhos a mensagem de que não serão nada na vida sem um curso que eles não têm a maior parte das vezes qualquer possibilidade de avaliar criticamente o que está em causa.

Seria tão bom fechar esta certeza num cofre e esquecer o sítio da chave! Pode dar-se o caso (É EVIDENTE QUE PODE DAR-SE O CASO!) de a educação ser uma

coisa bonita, mas, como todos os povos sabem, vivemos num mundo em que todas as coisas bonitas têm um preço e em que todas as belas têm um senão. O preço e o senão de um curso são elevados. Não me refiro a custo monetários. Aliás, penso que a principal razão de vivermos numa época extraordinária se deve ao facto de ser muitíssimo barato aprender. Já repararam em como é fácil e barato aprender qualquer assunto nos nossos dias e ter em nossas casas acesso às maiores bibliotecas do mundo? O custo a que me refiro é outro.

Todos já reparámos na triste condição de quem tem um curso. Logo que temos um curso, a maior obsessão das pessoas que conhecemos é a de saber qual é esse curso para decidirem o que fazer connosco. Se nos apresentarmos como Engenheiros, seremos tratados duma forma; se nos apresentarmos como Arabistas, seremos tratados de outra forma. Não se fiem nas minhas palavras. Logo que sejam licenciados, façam exercícios práticos. Apresentem-se em público com diversas profissões. Coloquem na história profissões como a de mecânico, advogado, médico, engraxador de sapatos. O ponto não está apenas na associação da identidade pessoal a uma profissão. Este é um erro monumental, como comparar diamantes a aspirinas. É evidente que a nossa identidade como seres humanos é vasta como o céu e também é evidente que a profissão é, em comparação, um pequeno detalhe sem importância. O problema maior está em que nós mesmos passamos a acreditar que somos isso que dizemos aos outros. Nenhum de nós é professor, ou tradutor, ou médico. Quando aceitamos qualquer destas descrições estamos a dizer que não somos todas as outras. Do meu ponto de vista, estamos a cair num poço com a desculpa de que queremos ver o céu. O fundo do poço nunca é um bom sítio para ver como o céu é vasto.

Há algum modo alternativo de olhar para estes assuntos? Penso que existem três pontos nesta história. Comentarei cada um deles.

Prometi uma forma de se ser milionário para cada uma das minhas análises. É esta a receita. Se estão a acabar um curso, comecem já outro. Se já têm um, acrescentem mais outro. Se já têm dois, juntem outros dois, *em áreas muito diferentes*. Em cada um destes passos irão ver como o universo é um sítio bonito. A pior coisa que um estudante universitário pode fazer é tirar só UM curso ou tirar vários cursos numa só área. Essa é uma forma de destruição da pessoa. Já imaginaram

o horrível que é uma vida à volta de casos de tribunal, como a dos juízes? Ou o horrível que é uma vida à volta de graxas de sapatos ou dentro de consultórios médicos? Cada uma destas coisas é um filme de horror, mesmo que o horror tenha boas contas bancárias nuns casos e miséria noutros. Horror é horror, ponto final.

A liberdade do universitário começa no SEGUNDO curso diferente que faça. Se são de Letras, aconselho Engenharia ou Medicina ou Enfermagem. Se são Advogados, aconselho Arquitectura ou Teologia. Falo por mim, é óbvio. Com licenciatura em Filosofia, mestrado em Filosofia e doutoramento em Filosofia, estava a ser escravo de mim mesmo, uma caricatura da cultura. Quando comecei a estudar Engenharia, aí percebi o que é ser universitário. É isto: é ser livre e não um escravo miserável, mesmo que o nosso senhor seja o rosto que vemos ao espelho.

Só se considerem Finalistas no final do vosso segundo curso. Fazer mais do que um curso é importante não apenas porque oferece uma vantagem sobre todos os vossos competidores no mercado de emprego mas porque dá a possibilidade da centelha. Cada curso é em si mesmo uma pedra sem graça nenhuma; todavia, se uma pedra chocar com outra pedra, é possível que surja uma centelha. O que andamos a fazer na nossa vida se não procurar uma pequena centelha que nos ilumine?

Os cursos de línguas estrangeiras têm o mesmo nascimento dos outros. Como estes, partem do pressuposto que são coisas boas em si mesmos, acima de qualquer dúvida. As pessoas que passam por eles estão tão hipnotizadas pela ideia de que um curso é um bem precioso nas suas vidas pessoais que já nem se questionam. O que preocupa a maioria dos seus frequentadores é um evento *posterior* ao curso. Terão emprego? A ideia contemporânea de que uma vida sem curso é absurda tem aqui a sua demonstração mais eloquente. O importante não parece ser o curso mas o que vem depois. Qual é o primeiro bom negócio que proponho? É este: chama-se LIBERDADE. Penso que a nossa cultura universitária pode empobrecer as nossas vidas mas também penso que nos pode libertar.

É necessário provar que um curso ou qualquer ensino são bens em si mesmos. Para os mais surpreendidos, diga-se que pode dar-se o caso de os cursos ou as educações recebidas serem males em si mesmos. Geralmente as pessoas reservam o mal a cursos e a educações que não compreendem. Quantos de nós já não ouvimos

criticar a educação das madraçais islâmicas do Paquistão e de outros países islâmicos? Para nós, nada de bom pode vir de supostas universidades islâmicas e sabemos que alguns dos males de que somos vítimas tiveram a sua origem nesses cursos. Nova Iorque, Madrid, Londres, Bali, Riyadh, etc. É também possível seleccionar arbitrariamente cursos de épocas passadas e de uma penada afastar como inútil todo o conhecimento que transmitiram. Pense-se em algum curso de medicina do século quinze. Temos todos a certeza absoluta de que podemos viver perfeitamente sem esse velho curso porque, obviamente, estava todo errado. Não há nada na medicina desse século que se aproveite. E, no entanto, esses cursos eram tão universitários quanto os nossos. Só que, por um efeito de soberba, os nossos e os da nossa época são os bons e os outros e os de outras épocas são os errados. Mas, é evidente, os nossos cursos podem ser como esses, isto é, todos errados.

O licenciado que sabe que o seu curso pode estar todo errado quando é perspectivado a partir de algum ponto de vista não habitual tem uma vantagem preciosa sobre qualquer outro licenciado, independentemente da área. Qual é a vantagem? É esta: sabe que um curso nada mais é do que um par de sapatos. Os sapatos fazem o que têm a fazer e, quando estão estragados, vão para o lixo. É insano pensar que alguém se apaixone a tal ponto pelos seus sapatos que os chegue a considerar o retrato perfeito do seu rosto. Qual é, pois, o segundo bom negócio? É este: SANIDADE.

É claro que, neste momento, os presentes estão atormentados secretamente com esta questão: Como é que um curso tão bonito como o de línguas estrangeiras pode remota, eventual e hipoteticamente ser um mal? As coisas bonitas não são malignas, pois não, e o mal é sempre feio, não é?! Penso que o maior truque do sucesso em qualquer área da vida é transformar um erro numa oportunidade. É assim que procederam homens de estado, generais, gestores e criadores de ideias novas. É a alquimia do sucesso. Temos, pois, de identificar o erro para descobrir a oportunidade. Qual é o maior erro de um curso de línguas estrangeiras? A essência dos cursos de línguas estrangeiras é esta: a monumental mentira cultural chamada tradução. O vosso assunto é a tradução. É este o erro. Qual é a oportunidade? Eu explico.

Os cursos baseados em mentiras são os mais bem sucedidos. Dou uns tantos exemplos. Seja-me permitido fazer esse exercício com objectos médicos. Os seres

humanos sempre tiveram corpos, e doenças e saúde, e morte. Séculos de medicina alteraram significativamente este panorama? Somos já todos imortais? Somos tão crédulos que deveria ser inventado um Prémio Nobel da Credulidade. A nossa credulidade não tem fim. Vinte e cinco séculos de medicina não alteraram o que quer que seja. Continuamos a morrer como cães atropelados na estrada. Esta é a verdade. Todavia, sobre a mentira da saúde temos brilhantes licenciaturas que servem para retocar a decoração dos nossos corpos mas, enfim, para nada, absolutamente nada de relevante. A mentira é o maior negócio do mundo. Onde está a medicina coloquem, por exemplo, as artes, a literatura e o cinema. Mentiras totais e, mesmo assim, negócios extraordinários que nos ocupam boa parte do tempo das nossas vidas e das nossas culturas.

Qual é a maior mentira das Línguas Estrangeiras Aplicadas? É esta: acredita em algo que não existe. Como se chama esse algo? O papá e a mamã deram-lhe o nome de TRADUÇÃO.

Deixem-me que justifique.

Todos nos lembramos da desconfiança que temos perante traduções feitas a partir de traduções. Alguns editores são criminosos culturais que não querem saber nada das desconfianças dos leitores. Como é mais barato fazer traduções do francês ou do inglês, do que do chinês, do grego ou do árabe, muitas obras clássicas chegam aos leitores através de traduções de traduções; por vezes, até, traduções de traduções de traduções. Não há professor universitário que não alerte os seus estudantes contra essas traduções abjectas, como se de um grande perigo se tratasse. Curiosamente, não há nenhum argumento racional que demonstre que uma tradução de um texto chinês para árabe e desta língua para inglês e desta para português seja obviamente melhor do que uma tradução directa do texto chinês para português. A fidelidade não gosta de intermediários; o seu amor é exclusivista. Existem argumentos célebres que apoiam a ideia de que não há traduções perfeitas pela simples razão de que não podem existir. A expressão ‘tradução perfeita’ é uma contradição nos termos. Pense-se, por exemplo, no célebre argumento do filósofo americano Quine, denominado Indeterminação da Tradução. Como filósofo, tenho necessidade de pensar pela minha cabeça, por isso não direi nada sobre Quine. Cada um que trate em privado dele. Ofereço-vos os meus próprios argumentos racionais.

Tome-se a situação que mais agrada aos afectos da fidelidade: a tradução de língua a língua. Os grandes textos da humanidade são traduzidos obsessivamente. As Poemas Homéricos já foram traduzidas dezenas de vezes; não importa, existirá sempre alguém que virá propor uma nova tradução. A Bíblia é a recordista deste desporto. As bibliotecas já têm Bíblias quanto baste, mas não adianta nada, porque haverá sempre alguém ou algum grupo que afirmará que a sua tradução é melhor. Reparem na curiosidade dos nossos dias em que celebramos mais um centenário do D. Quixote. Já havia tradução em português mas só este ano surgiram mais duas. Perante este espectáculo notável, fica-se a pensar que alguma coisa está fundamentalmente errada com a racionalidade que organiza a tradução. A minha tese é a de que o que está errado é a obsessão pela fidelidade. Se existem cem traduções portuguesas de um texto grego, feitas ao longo da história, é absurdo afirmar que todas elas são melhores que uma tradução portuguesa desse texto feita a partir de uma outra tradução francesa desse texto. É óbvio que esta última tradução pode ser muito melhor do que a quase totalidade do conjunto das cem traduções. Mais, esta última tradução pode ser melhor que qualquer uma das cem traduções.

Existe um modo intuitivo de provar este ponto. As línguas não categorizam os objectos do mesmo modo. Uma língua pode ter termos para objectos que são desconhecidos por outra língua. É óbvio que nem as línguas ameríndias, nem o grego antigo, nem o português de Eça de Queirós tinham a possibilidade de traduzir a palavra ‘telemóvel’ pela simples razão de que esse objecto não existe para os falantes dessas línguas. Um texto que mencione telemóveis só poderá ser traduzido por intermediações parafrásicas, isto é, criando micro-histórias que descrevam sucintamente algumas propriedades do objecto em questão. Não existe nenhum modo canónico de fazer micro-histórias. Tal como não existe um modo canónico de fazer romances, ou listas de compras no supermercado, ou cartas de amor. O assunto depende da criatividade. Uma tradução feita numa língua a partir de dezenas de traduções de línguas intermediárias pode ser mais fiel do que uma tradução de língua a língua.

A dificuldade em compreender este ponto depende de uma das características da fidelidade, que é a arrogância. O tradutor fiel assume que é absolutamente evidente que uma tradução pode sempre acontecer. Curiosamente, existem argumentos racionais que demonstram que nem sempre as traduções podem ser realizadas. Eis um deles, de natureza computacional.

Se as línguas a traduzir forem muito pobres em vocabulário, é difícil encontrar termos para designar objectos comuns. Para que a tradução possa acontecer é necessário que as línguas tenham vocabulários muito ricos. Pela lógica deste argumento, a tradução deverá exigir línguas com colecções vocabulares cada vez maiores. A tradução de textos em Basic English para Português Elementar ou para obras literárias em português não é satisfatória. Porém, se o vocabulário inglês constituísse uma colecção de mais de mil milhões de vocábulos, é certo que os recursos racionais de um tradutor não seriam suficientes para correr toda a colecção à procura do vocábulo mais adequado para uma determinada tradução. O retorno seria menor do que o investimento ou mesmo inexistente. Para que a tradução seja possível, a colecção do vocabulário não pode ser nem demasiado pequena nem demasiado grande. Com vocabulários de média dimensão, o que se ganha é a possibilidade de tradução sem que o custo dessa tradução seja demasiado elevado.

Façamos as contas: não é possível fazer traduções se as línguas tiverem vocabulários muito pequenos; e não é também possível fazer traduções se as línguas tiverem vocabulários muito grandes. A tradução é impossível nos casos muito pequenos e nos muito grandes. Resta a situação intermédia. O que é que está no meio? Já o disse: está a possibilidade da tradução. A possibilidade, não a realidade.

Vou descrever a zona do meio que é aquela para a qual o vosso curso vos treinou. Esta é a situação doméstica e de pequena escala. Não existem traduções insusceptíveis de melhoria mas apenas interpretações. Estas interpretações não dependem da subjectividade do tradutor. A língua portuguesa do tempo de Camões alterou-se tanto que um dos motivos porque fazemos traduções de textos já traduzidos deve-se ao facto das línguas se alterarem ao longo do tempo.

Mil anos de Idade Média fizeram com que o conhecimento da religião popular se perdesse por completo. Com os impérios coloniais nascidos no século XIX, as sociedades ocidentais voltaram a encontrar ritos xamânicos e outras manifestações de religiosidade popular. Um texto grego que mencionasse os Coribantes, as Ménades, a vida dos Centauros e o culto de Dioniso não poderia ter sido traduzido em qualquer língua europeia do Renascimento. Não podia ser traduzido porque os objectos a que se referia eram invisíveis para a mentalidade do tradutor. Quando as sociedades ocidentais ultrapassaram os preconceitos medievais e inquisitoriais, os textos antigos revelaram quase tudo o que sempre nestes esteve. Porque é que não existem

traduções? Pela mesma razão porque não é possível fazer pontes sobre areias movediças e lodo. A areia movediça e o lodo do tradutor são as línguas.

Vivemos num mundo em que não há qualquer hipótese de existirem traduções. Nenhum ser humano fez alguma vez alguma tradução. Então, o que é que passa por tal nome? É isto: fabricação de objectos. Está aqui um texto e faço ali ao lado uma coisa parecida. Cada texto escrito numa língua é único e o seu sentido não pode passar para qualquer outra língua. Os seres humanos não toleram esta verdade, tal como não toleram olhar de frente para a morte. Imaginam que há traduções neste mundo quando, de facto, o que há é a produção industrial de objectos textuais.

Qual é pois o bom negócio para um finalista de um curso em que o assunto mais importante é a tradução? Existe na Física uma utopia incrível, denominada movimento perpétuo. Se os seres humanos conseguissem produzir movimento perpétuo, os maiores problemas energéticos da humanidade estariam resolvidos. Existe na Agricultura uma utopia incrível, denominada Produção Infinita. Se os campos produzissem constantemente o que deles é retirado, a humanidade resolveria o problema da fome e da escassez de recursos. Aquilo que vos tenho a dizer é absolutamente realista e equivale a estes exemplos. A tradução é uma tarefa infinita e nunca se esgotará. Ao contrário do petróleo, quem trabalha em traduções sabe que o seu assunto é inesgotável pela simples razão de que estão sempre a surgir novas línguas e novas necessidades de tradutores. Quem trabalha em tradução só pode, por conseguinte, ser milionário. O vosso curso é, do meu ponto de vista, uma receita para a RIQUEZA.

Os tradutores são fabricantes de objectos, nomeadamente objectos literários. Um destes dias dei uma vista de olhos numa das minhas revistas favoritas. Aliás, é a uma das maiores revistas da tradução: é a *Forbes*, a revista dos negócios e dos milionários. (Por que razão afirmo que é uma revista de tradutores? Bem, o dinheiro é, até agora, a tradução mais bem sucedida do planeta: coisas, vidas e destinos que nada têm a ver uns com os outros podem ser traduzidos na linguagem do dinheiro, incluindo, é claro, boa vontade, amor e sorte na vida.)

Qual a lição da famosa lista da *Forbes* dos mais ricos do mundo? Aquela que mais me impressiona é esta. Os milionários do planeta dividem em duas categorias: os produtores de continentes e os produtores de conteúdos. Um príncipe saudita ligado ao petróleo produz, evidentemente, um continente ou um meio. Podemos fazer coisas com o meio que ele coloca à nossa disposição. Todavia, os meios ou os continentes



por si mesmos são pobres. A outra categoria é a de produtores de conteúdos. Os dois primeiros lugares da lista da *Forbes* (para confirmar, via-a novamente ontem à noite) mostram esta batalha sem fim entre meios e conteúdos. Bill Gates é um produtor de conteúdos. Não é conhecido por ter inventado o transistor ou os circuitos electrónicos mas por ter colocado à nossa disposição alimento para as nossas máquinas. Warren Buffett, o grande financeiro, trata do meio por excelência, o superlativo de todo o petróleo do mundo: o dinheiro. Por si mesmo, o dinheiro não é nada e, no entanto, permite, se não tudo, pelo menos quase tudo. Não há petróleo que possa rivalizar.

Como se coloca o estudante de línguas estrangeiras nesta batalha entre Meios e Conteúdos? Antes de responder, algumas adivinhas. Quem se lembra daquela resma de papel A4 que comprou em 2000 ou em 1998? Quem se lembra daquela disquete que utilizou em 1993? Quem se lembra de um telefone que nunca foi utilizado? Bem, ninguém se lembra normalmente destas coisas – papel em branco, disquetes vazias e telefones não utilizados – porque o espírito humano valoriza sobretudo os conteúdos. A resma de papel seria lembrada se lá tivéssemos escrito um romance *caliente*; a disquete seria recordada se lá tivesse sido colocada a cópia dos nossos poemas; e o telefone seria recordado se tivesse sido utilizado para pedir auxílio ou para pedir amor.

Sois todos produtores de conteúdos. Que eu saiba, não aparece nas notícias o engenheiro mais rico do mundo, ou o médico mais rico do mundo, ou o professor mais rico do mundo. Todavia, sim, aparece nas notícias qual é a escritora ou o escritor mais rico do mundo, o futebolista mais bem pago ou o actor com maior *cachet*. O que têm em comum? Isto: são geniais produtores de conteúdos. A autora do Harry Potter, o Ronaldinho Gaúcho ou o Brad Pitt encantam-nos porque colocam conteúdos nas nossas vidas. É por isso que lhes damos tanto dinheiro. Só nos países ainda não suficientemente desenvolvidos é que a ênfase é colocada na produção de meios. Mas um DVD virgem não atrai ninguém, nem um campo de futebol vazio, nem a tal resma de papel que a J. K. Rowling utiliza. Nos países desenvolvidos, o mais importante é a criação de conteúdos, boa parte deles ligados à cultura, à informação, ao espectáculo e à literatura.

Uma vida rica é uma vida literária. Se alguém aqui está remotamente preocupado com o assunto sem qualquer importância chamado emprego, é porque passou o curso a preocupar-se e não a estudar Letras e Humanidades. Se o tivesse feito, saberia que a vida está sempre a favor dos produtores de mentiras. A maior de

todas é uma das vossas e chama-se Literatura. Só podem ser, por conseguinte, prodigiosamente ricos.

Termino com duas observações.

A primeira é a de que tudo o que acabei de dizer é absolutamente verdadeiro.

A segunda é a de o meu maior desejo neste momento é o de que todos sejam muito bem sucedidos nas vossas vidas profissionais. Que vidas podem ser essas?

VIDAS LIVRES,

VIDAS SÃS,

VIDAS RICAS.